

da moral social e fomentar o respeito por esta, a sua liberdade e satisfação pessoais.

Com estas origens, julgamos estar criado hoje como que um ideal, um guião, para ser boa mãe e bom pai, sendo estes os que cumprem com esta demanda de satisfazer e deixar feliz a criança. Ora, é exatamente neste ponto que um “não” choca com o ideal: regradar, proibir ou limitar as vontades da criança tornou-se oposto ao desejado e por isso é censurável. Basta imaginar que dá um puxão de orelhas ao seu filho num local público e de certo alguns presentes irão olhá-lo de lado com ar reprovador, para crer que, em certa medida, dizer “não” é como ser um pai/mãe que não trata bem do filho.

Este culto da perfeição parental existente - em que só dar, permitir e alimentar as vontades da criança, sem nunca ter de lhe bater, é que atesta que se é uma boa mãe ou pai -, ao mesmo tempo desvaloriza e desautoriza por completo o poder dizer que “não” ao filho. Ser autoritário e disciplinar o prazer absoluto da criança (que está provado em várias áreas de estudo que é essencial ao bom desenvolvimento da criança) cria culpa e é como que sinónimo de “má mãe/mau pai”. A perspetiva com que se olha para uma privação ao filho é quase como sendo um ato maldoso ou insensível do pai (por exemplo, não comprar um gelado que ele pede insistentemente).

Note que este fenómeno pode vir também do trauma de não ter tido possibilidades ou liberdade enquanto filho: pais traumatizados por essa vivência vêem o dar como algo inequivocamente bom!

3 - PRÍNCÍPIO DA AJUDA EXTERNA: ...

(ACOMPANHE A CONTINUAÇÃO NO PRÓXIMO NÚMERO)

PRÓXIMO TEMA:

DIZER “NÃO” - A DIFICULDADE DOS PAIS 2



243 660 097 / 934 010 534



cafapcoruche@caritascoruche.pt



Largo de Valadares, 1 - 2100-112 Coruche



Sílvia Caraça (Assistente Social/Coordenadora)

Gonçalo Coelho Arromba (Psicólogo Clínico)

Ana Miriam Barradas (Psicóloga Clínica)



INOVA CÁRITAS CORUCHE

WWW.CARITASCORUCHE.PT

APOIO NA REPRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO



cafap

**CENTRO DE APOIO FAMILIAR E
ACONSELHAMENTO PARENTAL**

DIZER “NÃO”: A DIFICULDADE DOS PAIS



PARTE 1

85 COLEÇÃO
FAMÍLIA

MARÇO - ABRIL 2017

Ser mãe ou pai pode ser visto como um dever de amor, responsabilidade e devoção. Ser criança pode ser visto como um direito a ser amada, respeitada e ensinada. À parte dos deveres e direitos de cada um dentro da família, há o contexto social em que vivemos atualmente.

Todas as gerações vivem circunstâncias específicas e estão inseridas numa sociedade também ela única que acaba por as distinguir. Uma característica distintiva da sociedade atual é a existência de uma enorme facilidade e quantidade de comentários críticos, juízos de valor, opiniões infundamentadas e ilimitadas. Atinge praticamente tudo e todos: do mais alto governante ao mais baixo desempregado, da mais bonita modelo à mais feia saia.

A família e os seus elementos não ficam à margem e encontram-se também expostos a uma crítica feroz. Ao contrário de há umas décadas atrás, o espaço da família é facilmente invadido pela crítica social. A família é hoje cada vez menos um lugar fechado e sagrado, com barreiras que impeçam a entrada de alguém externo para julgar, opinar ou avaliar o que é feito pelos pais. Desde vizinhos a professores, de comentadores televisivos a psicólogos, passando por lifecoachs mais ou menos experientes, todos contribuem para a criação de uma sombra sempre atenta e avaliadora do que se passa dentro da família. Por isto, aos pais de hoje cabe então uma tarefa maior e mais complexa, com desafios vindos de dentro e de fora da família com uma frequência brutal. São ecos do tempo da liberdade.

É dentro deste contexto que hoje em dia é comum ouvir manifestações de desacordo, indignação e até protesto para com aqueles pais que não são capazes de “dizer que “não”” aos filhos. São acusados de lhes

fazerem as vontades todas, de praticamente serem os filhos a mandar neles, de não os proibirem, de não conseguirem que se portem bem em espaços públicos, de não lhes obedecerem, etc.. Estes pais são mesmo alvos de acusações fáceis a partir do comportamento dos filhos. Por exemplo, quando se vê uma criança a não dar lugar a uma pessoa mais velha ou então a empurrar alguém para chegar onde quer, rapidamente alguém significa essa atitude com um comentário do género: *“isto são os pais que não lhe dão educação, deve fazer o que quer em casa e estar habituado a ter tudo”*. Por vezes completa-se com um já clássico: *“havia era de voltar o Salazar!”*. Ressoa a saudade do tempo da autoridade.

A exigência e a pressão sobre como ser boa mãe ou bom pai é enorme. Que os pais têm hoje maior dificuldade em introduzir e manter regras com os seus filhos também não deixa grande dúvida. Porque será tão difícil fazê-lo? Porque se passou do exagero de regras, castigos e censuras para o atual défice de autoridade?

No lugar de uma abordagem crítica, defendemos um olhar compreensivo e diagnóstico sobre o que leva os pais a terem dificuldade em dizer “não” aos seus filhos. Listamos 6 aspetos mais comuns, com a noção de que não decorrem isolados mas que por vezes se reforçam mutuamente e acontecem em simultâneo:

1 - PAIS NA DEMOCRACIA: NÃO QUERO QUE SOFRA O MESMO QUE SOFRI

Os pais de adolescentes e crianças de hoje são na maioria pessoas que nasceram após a queda da ditadura em Portugal. No entanto, os seus pais e os seus avós viveram esses momentos marcados pela autoridade firme, pela existência de regras severas e excessivas, que retiravam até a possibilidade de expressar o que se pensava e o que se desejava. Portanto, os pais de hoje tiveram pais ou avós que exerceram práticas parentais rígidas sobre eles.

Deste modo, na base da atitude mais condescendente e de liberdade que se nota nos pais atuais reside o facto de serem pais que não querem ver os filhos tão limitados e censurados como eles próprios estiveram. Não querem ser tão rígidos e inflexíveis como foram os seus pais e avós, e querem dar aos filhos a liberdade que não tiveram. Desgostosos com os impedimentos, as regras, as proibições e a falta de gozo de liberdade com que os seus pais os brindaram enquanto filhos, os pais de hoje não querem fazer os seus filhos sofrer o mesmo que eles sofreram.

São pais que tendem a relativizar (e julgamos que bem em muitos casos) o que aos olhos dos seus pais seria de imediato proibido ou impossível. Por exemplo, quando o filho lhes pede um brinquedo, quando pede para ir ficar a noite em casa da avó ou de um amigo, os pais atuais tendem a descomplicar e a perguntar a si próprios: “e porque não?”. Outrora, a perspetiva seria de que “já tens muitos brinquedos” ou “não achas que já estás a pedir demais?”. Assim se transforma o impossível no possível, os “não’s” em “sim’s”, pois a nova geração de pais vê no dizer “não” uma restrição do potencial da criança. Vê que o dizer “não” representa como que um futuro trauma e nunca uma vantagem. Uma forma conclusiva de olhar para o assunto é afirmar que se pais castrados, então filhos liberados.

2 - IDEAL SOCIAL: NÃO O DEIXEI LEVAR O QUE QUERIA, SEREI MÁ MÃE?

Devemos recordar que a Declaração Universal dos Direitos da Criança surgiu em 1959 como forma de recusar e transformar o que era muitas vezes o desrespeito, negligência e mau-trato às crianças. Os direitos da criança, em conjunto com outros fenómenos sociais como o reconhecimento da opressão provocada pelas ditaduras, vieram colocar a criança no centro